

Maria José Marinho

O essencial sobre

**JAIME BATALHA  
REIS**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Maria José Marinho

O essencial sobre  
**JAIME BATALHA  
REIS**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

## OS ANOS DE FORMAÇÃO

Jaime Batalha Reis nascera a 24 de Dezembro de 1847, o que provavelmente viera perturbar a ceia familiar de Natal e alterar, por momentos, a rotina dos dois irmãos mais velhos, Adelina e António. Como era boa tradição liberal, e depois republicana, o pai, António Nunes dos Reis, velho amigo de Almeida Garrett, e seu administrador oficioso, no dizer de Gomes de Amorim, a quem o poeta, nos apertos financeiros, pedia dinheiro emprestado, baptizara os seus filhos apenas com um nome próprio acrescentando-lhe o apelido materno — Batalha — e o paterno — Reis.

Moravam então na Rua Direita, n.º 9, 2.º andar, freguesia de S. José, sendo na igreja dessa paróquia que o filho mais novo receberá os santos óleos, só a 15 de Fevereiro de 1848, o que talvez indique o pouco fervor posto pelo pai na cerimónia religiosa. Como padrinho teve um irmão da mãe e como madrinha, tradição que se manteve durante muitas décadas, uma Nossa Senhora, a da Conceição.

As primeiras letras aprendeu-as frequentando o colégio dum velho liberal, Xavier de Quadros, o Colégio de S.<sup>to</sup> António, na Rua dos Algibebes. Depois, a necessidade de uma preparação mais cuidada levou o pai a inscrevê-lo no Colégio Alemão, vulgarmente conhecido pelo Colégio Roeder, apelido do proprietário e director, Hermann Roeder. Talvez os pais, por essa altura, já não habitassem em Lisboa. António Nunes dos Reis fora secretário do Conservatório nos tempos da sua fundação por Almeida Garrett, taquígrafo das Cortes e vice-presidente da assembleia geral da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa.

Contudo, é natural que na década de 60 apenas conservasse este último cargo, e com a filha mais velha casada, e o filho António a estudar em Coimbra, só viesse a Lisboa uma vez por outra, acolhendo-se às suas propriedades no Turcifal (Torres Novas), onde possuía uma bela casa e era produtor e exportador de reputado vinho. Entretanto, o filho mais novo, acabada a preparação no Colégio Alemão, conhecido em Lisboa pela boa qualidade do ensino e onde, além da apredizagem das línguas alemã, inglesa e francesa, da prática da disciplina de Ginástica (uma raridade na época!), aprendera a amar a literatura, foi matricular-se no Instituto Geral de Agricultura de Lisboa.

Esta escolha de Jaime Batalha Reis poderá dar lugar a algumas interrogações. Seu irmão mais velho frequentara, durante três anos, Filosofia em Coimbra,

acabando por desistir e vir tirar a Lisboa o curso de agrónomo no mesmo Instituto Geral de Agricultura. Pouco dado a especulações teóricas e a boémias compensatórias das ditas especulações, António não apreciara os ares da Lusa Atenas. Teria sido a experiência mal sucedida do irmão, por quem Jaime sempre nutriu grande estima, ou a sua fraca preparação na área dos estudos clássicos que o levaram a escolher um curso técnico-científico? Não encontramos, da sua parte, justificação para tal escolha, que poderia desviá-lo do gosto pela filosofia, ou pela expressão de qualquer das artes — literária, musical ou pictórica, de que sempre foi um apreciador tão entusiástico. É verdade que a situação do pai, proprietário rural, o poderia ter influenciado na escolha, mas não esqueçamos que o irmão mais velho acabara, precisamente, por tirar este curso, especializando-se em Enologia, o que deveria satisfazer as necessidades paternas de produtor de vinho.

O que não há dúvida é que tirou o curso de agrónomo e engenheiro florestal sem dificuldades, com altas classificações e muito premiado. Em fins de 1866 estava formado e preparava-se para entrar na vida activa, ou seja, começava à procura de emprego. Talvez cause admiração que um aluno estimado por colegas e professores e com um tão brilhante curso não tivesse conseguido lugar como professor no Instituto onde acabara de se formar. Ele próprio alude a essa decepção

numa carta à namorada, anos mais tarde: «Tinha acabado o curso com muitos prémios e deixado no Instituto Agrícola uma reputação filha do meu estudo [...] e da simpatia dalguns lentes, uma reputação que valia bem mais do que eu. Tinha todas as probabilidades de ficar, e apesar disso nada desde então até hoje.» Contudo, talvez tenha havido uma razão para o facto de não haver sido convidado. O seu último trabalho, uma espécie de dissertação com que se terminava o curso, fizera-o ele sobre as novas teorias de Darwin, ao arrepio das teses, ao tempo, expendidas oficialmente.

Jaime Batalha Reis sempre ficou convencido de que essa e outras «irreverências» da juventude lhe fecharam, durante alguns anos, muitas portas. E só com persistência, qualidade que sempre o distinguiu entre os seus amigos, e muito labor técnico na área da enologia em que se especializara se foram dissipando as desconfianças.

Entretanto, prestes a acabar o curso, conhecera Eça de Queiroz na redacção da *Gazeta de Portugal*, onde vira, uma noite — e é ele próprio a narrá-lo na sua «Introdução» às *Prosas Bárbaras* —, «uma figura muito magra, muito esguia, muito encurvada, de pescoço muito alto, cabeça pequena e aguda que se me mostrava inteiramente desenhada a preto intenso e amarelo desmaiado. / Cobria-o uma sobrecasaca preta abotoada até à barba, uma gravata alta e preta, umas calças pretas. Tinha as faces lívidas e magríssimas, o

cabelo corredio muito preto, do qual se destacava uma madeixa triangular, ondulante, na testa pálida que parecia estreita, sobre os olhos cobertos por lunetas fumadas, de aros muito grossos e muito negros. Um bigode farto, e também muito preto, caía aos lados da boca grande e entreaberta, onde brilhavam dentes brancos [...] / Era o Eça de Queiroz.» Saíram juntos da redacção do jornal e ficaram amigos para sempre.

Foi então que com Salomão Sáragga e Júlio César Machado se juntara a Eça e à sua rodada de colegas, uns do colégio do Porto, como Luís e Manuel Resende, outros bacharéis de Coimbra, como Manuel de Arriaga e os irmãos Faria e Maia, mergulhando na boémia da capital. Morava então em pleno Bairro Alto, na esquina da Travessa do Guarda-Mor, num primeiro andar que se transformou rapidamente numa tertúlia literária a que mais tarde seria dado o nome de «Cenáculo».

Por esse tempo, o recém-formado agrónomo continuava desesperadamente à procura de emprego, um pouco ao sabor das cunhas do pai, de familiares e amigos, e acicatado ainda pelo facto de se ter apaixonado perdidamente por uma filha de um dos mais célebres cenógrafos do seu tempo, Giuseppe Cinatti. Chamava-se ela Celeste Maria Luísa Cinatti, educada num convento de freiras irlandesas, falando correctamente o inglês e o francês, leitora infatigável de tudo o que lhe caísse nas mãos, mesmo aquilo que o namorado achava impróprio para uma jovem saída do Convento do Bom

Sucesso: «Desgostarias o teu Jaime muito, mas muito, se lessees semelhantes livros.» Exemplos: Bocaccio, um ou outro livro de Kock, de Musset, de George Sand...

Entrementes, as hipóteses de emprego iam surgindo e desvanecendo-se: administrador de propriedades no Crato, passando por deputado — «meu pai», confidenciava à namorada, «disse-me que o que lhe parecia mais fácil era eu sair deputado...» (!) —, agrónomo em Vi-seu, professor no Brasil.

Jaime, porém, não era homem para esmorecer perante as dificuldades, embora Celeste desesperasse com tanta demora. Preenchia o tempo namorando «da rua para a janela», no Passeio Público ou no Jardim de S. Pedro de Alcântara, patuscava com os amigos, frequentava todos os espectáculos lisboetas — principalmente S. Carlos, com as suas óperas italianas — e continuava a devorar obras literárias e científicas, as leituras comuns à sua geração — Victor Hugo, Lamartine, Musset, Nerval, Baudelaire, Poe, Michelet, Renan, Quinet, Vacherot, Cournot, George Sand, Zola, Carlyle, Flaubert, Proudhon, Littré, Comte, Heine, Hartmann, Haeckel, sem esquecer, naturalmente os grandes nomes de gerações anteriores como Shakespeare, Goethe, Byron, Kant, Hegel ou Buchner —, a que terá acrescentado, provavelmente, a leitura da livraria do pai, rica em obras de enciclopedistas e historiadores clássicos portugueses.

Mas como é que estes jovens que viviam de escassas mesadas paternas tinham capacidade financeira para



adquirir obras, principalmente as estrangeiras, muito acima das suas posses? Um dos processos, amplamente exemplificado na troca de correspondência, é o empréstimo entre si. Havia sempre um mais abonado que comprava os livros que percorriam, depois, a via sacra dos interessados. Estas obras eram geralmente de autores ingleses e alemães traduzidos em francês, conseguindo todos eles uma actualização que, para a época, não deixa de nos causar espanto. Outra fonte de conhecimento, muito utilizada pelo nosso agrónomo, era a existência de gabinetes de leitura, principalmente o do Grémio Literário, já nesta época com uma bela biblioteca e assinaturas de revistas estrangeiras literárias e científicas.

Jaime Batalha Reis diz constantemente nas cartas de namoro: «[...] tenho estado no Grémio a ler *O Homem Que Ri* e uns artigos na revista germânica sobre a economia rural da Alemanha», «[...] fui para o Grémio, estive lá a ler e a estudar até agora [...]». Por elas verificamos que, além das leituras literárias, se preocupava, fundamentalmente, em continuar a preparar-se na área em que se especializara, começando por estes anos de 67 e 68 a colaborar na *Revista Agrícola*, órgão da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa a que, naturalmente, pertencia.

E foi nesse ano de 68 que o conhecimento com Antero veio preencher uma lacuna na sua vida. Antero apareceu, pela mão de Eça, num dia de Outono. E o in-

terlocutor intelectual que até aí faltara a Batalha Reis, vai finalmente encontrá-lo no poeta-filósofo, de que já conhecia a «Defesa da Carta Encíclica» e as duas intervenções «na famosa *Questão de Coimbra*», leituras que o haviam «impressionado profundamente», e, naturalmente, as *Odes Modernas*, por causa das quais andara até ao muro com um amigo que lhes preferira «não sei já se o *D. Jaime*, se o *Poema da Mocidade*», como ele próprio explica nos «Anos de Lisboa», a sua participação no *In Memoriam* de Antero.

Eça, na colaboração para a mesma obra, conta que «sob a influência de Antero logo dois de nós [leia-se Eça e Batalha Reis] que andávamos a compor uma ópera bufa, contendo um novo sistema do universo, abandonámos essa obra de escandaloso delírio — e começámos à noite a estudar Proudhon, nos três tomos da *Justiça e a Revolução na Igreja*, quietos à banca, com os pés em capachos, como bons estudantes. [...] E do Cenáculo, donde, antes da vinda de Antero (que foi como a vinda do Rei Artur à confusa terra de Gales), nada poderia ter nascido além de chalaças, versos satânicos, noitadas curtidas a vinho de Torres, e farrapos de Filosofia fácil, nasceram, *mirabili dictu*, as Conferências do Casino, aurora dum mundo novo, mundo puro e novo que depois, oh dôr, creio que envelheceu e apodreceu [...]»

No entanto, entre a chegada de Antero em 68 e as Conferências do Casino em 71, muitas outras coisas se

iriam passar. Aos habituais frequentadores do andar da Travessa do Guarda-Mor vieram juntar-se mais alguns bacharéis de Coimbra amigos de Antero: João Lobo de Moura e João de Deus, embora este último, que não era um homem activo, preferisse sempre as visitas dos companheiros nas hospedarias de Lisboa, por onde se alojava. Mas as discussões sobre «todos os grandes problemas do Universo», no dizer de Batalha Reis, com a presença de Antero, adquiriram um tom mais sério. Eça, talvez um pouco agastado com a insistência dos dois amigos nos tais «problemas», recalcitrava: «O quê, menino? Ainda a Metafísica?!» e propunha-lhes uma jantarada ou uma passeata. E Antero, que por este tempo ainda não tinha as dificuldades em andar que um ano depois começaria a sentir, acompanhava-os sem hesitações.

Mas Eça nem mesmo assim se livrava das congeleminações dos amigos, pois Batalha Reis explica: lá «famos atravessando a cidade, pela meia-noite, para os lados de Belém e Paço de Arcos, para Xabregas e Beato António, ou para o Cemitério dos Prazeres e Monsanto, conversando, discutindo perpetuamente até vermos, de algum alto, nascer o sol».

E foi nesse ano de 69 que os três amigos, num delírio criativo, inventaram o «poeta satânico» Carlos Fradique Mendes, heterónimo colectivo, cuja produção poética era claramente influenciada pelas *Flores do Mal* de Baudelaire, livro publicado em 1857. A estreia do

«novo poeta» fez-se na *Revolução de Setembro* de 29 de Agosto desse ano, num folheto cuja autoria Joel Serrão, na sua obra *O Primeiro Fradique Mendes* atribui, precisamente, a Jaime Batalha Reis. As poesias apresentadas são «Soneto» e «Fragmento da Guitarra de Satã» de Antero de Quental, «Velhinha» de Batalha Reis e «Serenata de Satã às Estrelas» de Eça de Queiroz. A 5 de Dezembro do mesmo ano, um texto de Antero apresenta os «Poemas de Macadam», última produção poética publicada do «autor» que todos queriam conhecer.

O espólio de Jaime Batalha Reis, depositado na Biblioteca Nacional, no Arquivo de Literatura Portuguesa Contemporânea, revelou-nos mais produções de Fradique Mendes da autoria de Batalha, Eça e Antero, reproduzidas e analisadas por Joel Serrão na obra atrás citada. Jaime, contudo, que em carta à namorada Celeste Cinatti já havia confidenciado a mistificação, confessa-lhe «[...] que o verso para mim é uma firma muito artificial, que só a sangue frio e com atenção de produzir extravagâncias é que eu posso fazê-lo. Só para o Fradique é que posso ser poeta. Inspiração franca, espontânea e natural, não a tenho. Hei-de mandar-te as diferentes poesias que se têm feito para o Fradique Mendes sem os nomes dos seus autores. Quero ver se tu adivinhas quais são as minhas.»

Entretanto, Batalha Reis e Antero, tornados inseparáveis, habituados a «estar juntos dia e noite, con-

versando, discutindo», foram morar para S. Pedro de Alcântara, na sobreloja de uma casa que começou a ser frequentada por outros jovens, alguns com marcados interesses socialistas: José Fontana, Augusto Fuschini, José Tedeschi. Por lá principiaram também a aparecer Ramalho Ortigão, Augusto Soromenho, o músico Augusto Machado e Guerra Junqueiro. Foi a esta casa que Oliveira Martins, provavelmente em 70, também veio para conversar, discutir, enfim, trocar livros e ideias. E com ele fechou-se não o círculo mas o quadrado — Eça, Batalha, Antero e Oliveira Martins, bastante diferentes entre si, mas com interesses, estatuto social e apetência cultural comuns.

Um quadrado com relações curiosas e emparelhamentos especiais: Eça e Batalha foram sempre amigos, mantendo relações apertadas, mesmo quando a lonjura das missões que desempenhavam os poderia ter afastado um do outro, ou quando esta ou aquela «entorse» ética do amigo pudessem ter levado Batalha a um corte de relações. Gostavam ambos de uma certa vida social, dum certo protagonismo que nem sempre agradava a Oliveira Martins e repugnava a Antero. Mas este e Batalha eram muito amigos, tendo estabelecido uma forte relação intelectual, alimentando Batalha Reis uma admiração sem limites pelo seu companheiro. Antero reconhecia-lhe a brilhante inteligência, a cultura e a capacidade filosófica. Em carta de Versailles, no Verão de 78, dir-lhe-á que «Vamos este inverno palestrar

longamente. Já lhe expus, em geral, a minha Metafísica, mas preciso desenvolver-lhe pontos especiais. Depois seguirá a Teoria da Religião e em seguida a Filosofia da História — tudo subordinado aos mesmos princípios que já conhece. Tenha paciência: V. é o *meu público*, pois já desesperei (metafisicamente falando) do Oliveira Martins, optimista intratável e que quase fica indignado quando ousa dizer-lhe que a existência é um grande mal, o Universo uma *failure* deplorável e a civilização moderna uma perfeita ilusão. V. também é optimista, mas vale muito mais do que a sua filosofia, e ainda espero vê-lo convertido às sãs doutrinas [...]» Às vezes, Antero impacientava-se com a verbosidade do seu amigo agrônomo e com a forma demasiado fogosa (e teimosa!) com que discutia as questões: «Você», dir-lhe-á numa carta de 1886 — «é a melhor cabeça filosófica que tenho conhecido, mas um dos piores filósofos.»

Recordemos que Batalha Reis era, dos quatro, o que havia adquirido uma formação verdadeiramente científica e que nem sempre as suas razões podiam ser apreendidas pelos amigos, com a desvantagem, ainda, de ser o mais novo deles. E nestas diferenças de opinião e também de comportamento, Batalha e Antero chegavam ao ponto de ficarem os dois zangados e não se falarem vinte e quatro horas seguidas!

Quanto a Antero e Oliveira Martins, este mais velho dois anos que Batalha, mais calmo e ponderado, repre-

sentava um interlocutor com grande apetência intelectual, precisando desesperadamente dos conhecimentos de Antero, e disponível para uma amizade intelectual que até então talvez nunca tivesse experimentado. A amizade e a dedicação que entre ambos existiu foi sempre indiscutível. A fechar o quadrado, encontramos Oliveira Martins e Batalha, que tiveram sempre uma excelente relação, e foram também muito amigos. A mente enciclopédica deste último representava uma fonte preciosa de informação para um homem que, afinal, era um autodidacta. Mas nunca será de mais sublinhar a generosidade que reinou entre estes quatro amigos que compartilharam entre si dinheiro, livros, ideias e opiniões.

Por esta época, a actividade de Batalha Reis como agrónomo começou a intensificar-se, embora nenhuns proventos tirasse desses trabalhos de que a Real Associação Central da Agricultura Portuguesa o ia encarregando: relator e membro de várias comissões sobre problemas de agricultura e modernização das técnicas agrícolas e ainda exposições com prémios para os melhores produtos, com o intuito de incentivar os lavradores. Como ele explicava pacientemente à namorada, embora este trabalho não fosse retribuído em metal sonante, tornava-o conhecido no meio, ombreando com personalidades de peso no ciclo das relações sociais e políticas. É natural, contudo, que os cursos que depois iria fazer sobre a importância da agricultura no pano-

rama económico português em Lisboa e Viseu, no final do ano de 70, e que foram acolhidos, no meio agrícola, com elogiosas referências, lhe tenham rendido alguns proventos. E para amealhar mais uns tostões, escreveu pequenos artigos sobre ópera para a *Crónica dos Teatros de Portugal*, actividade crítica que depois manteve ao longo dos anos, já que sempre cultivou uma fiel paixão pelo belo canto.

Foi então que as preocupações políticas, inspiradas pelas leituras proudhonistas e ventos iberistas que assolavam algumas cabeças portuguesas e espanholas, esquentadas pela Revolução de 68 que expulsara Isabel II de Espanha e pusera um momentâneo fim à monarquia, acirradas pela presença de José Fontana, socialista militante, sempre à espera da Revolução que não podia «deixar de rebentar, o mais tardar, para a semana», arrastaram Antero e Batalha, decerto com menos certezas, para a experiência política. E levados por Fontana, lá se vão encontrar com «três homens estrangeiros, novos ainda, pobremente vestidos», que eram afinal «chefes emissários da *Associação Internacional dos Trabalhadores*». O primeiro encontro foi em casa de Batalha e Antero, mas como Fontana «sempre sorridente» os tivesse avisado de que a polícia o perseguia por toda a parte, passaram a encontrar-se no meio do Tejo, dentro de um barco, durante noites seguidas. Batalha conta que, enquanto ele remava, «o Antero discutia com os emissários socialistas».



Ainda nesse ano de 70, Batalha, Antero e Oliveira Martins, que estava desempregado, com a adesão de alguns amigos, Eça, Manuel de Arriaga e António Enes, tentaram o jornalismo político, em defesa dos ideais socialistas e da corrente iberista, fundando o jornal *A República*, com o subtítulo: *Jornal da democracia portuguesa*.

Por essa altura, Mendes Leal sugeriu a António Nunes dos Reis a hipótese de um consulado para o filho mais novo, já que, proximamente, ia abrir concurso para o preenchimento de algumas vagas no quadro diplomático. Jaime Batalha Reis entusiasma-se com a ideia. Sempre desejara viajar e o seu conhecimento de línguas, aliado à vasta cultura adquirida no convívio com os amigos, parecia-lhe um passaporte fácil para conseguir a classificação necessária para os primeiros lugares. Sente-se um pouco magoado com Eça, que deu uma pequena «entorse» ética, típica de uma certa duplicidade queirosiana que Batalha lhe foi perdoando sempre ao longo dos anos.

Em carta à namorada explica-lhe: «Dizes tu, minha Amiguinha, que te faz efeito de que eu e o Eça sendo amigos, não devíamos ir ao mesmo concurso. Tens razão. Fui eu o primeiro a falar nesses concursos ainda em tempos em que Mendes Leal era ministro. Falei nisso e disse mesmo com toda a franqueza de amigo ao Eça o que o Mendes Leal dissera a meu Pai e disse-lhe que ia a concurso. O Eça disse-me que também ia. De-

pois soube pelo Conde de Resende que o Eça fora falar ao Mendes Leal sem me dizer nada a mim. Não achei isto bonito mas não lhe disse nada», acrescentando que «o Queiroz talvez empregue os seus meios, e os empenhos, mas eu tenho um bom. [...] Enquanto ao concurso — apesar do seu talento que é muito, não faz melhor do que eu, descansa. Primeiro porque ele não estuda nada, depois porque aquilo prende com coisas que eu tenho estudado muito e de que o Queiroz não tem a mais leve ideia. Depois a inteligência do Queiroz não é para estes estudos positivos, não é para estas coisas que formam o programa do concurso [...]. É o que se chama uma inteligência exclusivamente literária.»

E enquanto escrevia artigos para o jornal acima referido, ia estudando, com algum custo, as matérias exigidas: direito comercial, direito marítimo... A abertura do concurso para cônsules de 1.<sup>a</sup> classe vem anunciada no *Diário do Governo* de 27 de Junho e, em fins de Setembro, estão a prestar provas. E agora, já com certa prudência, diz a Celeste que «mau concurso espero eu que não o farei. Por ora, as pessoas que eu sei que vão a esse concurso são o Santana, o Vasconcelos, o Eça de Queiroz e eu. Ainda que se não fique com a Baía [lugar que já referira com grande entusiasmo a Celeste], os que forem aprovados neste concurso ficam já admitidos, e na próxima vaga que houver são sem mais concurso feitos cônsules.» Jaime considera que lhe correram bem as provas e fica bastante esperançado.

Mas o jornal político fundado pelos elementos da tertúlia aguentava-se com fraca tiragem, dada a pouca receptividade encontrada por parte da burguesia progressista. Morre ao fim de poucos meses: em Julho este ciclo fechava-se e Oliveira Martins partia para um emprego em Espanha e Eça para Leiria, para a sua primeira colocação oficial. Batalha e Antero vão de férias para a praia de S.<sup>ta</sup> Cruz, perto do Turcifal, onde os pais de Jaime costumavam alugar uma casa para veraneio. Antero já então se começava a queixar de dores, dificuldades em andar e digerir alimentos. O amigo conseguia, no entanto, arrastá-lo para passeios ao longo das dunas, mas raramente o convencia a mergulhar nas ondas, enquanto ele não se dispensava de tomar o seu banho matinal, a que religiosamente não faltava.

Batalha Reis foi um homem que nunca teve uma doença grave. Sofria, periodicamente, no Inverno, de anginas, quando se expunha à chuva ou a diferenças de temperatura. E se não falarmos no padecimento dos olhos, que muito cedo o obrigou a usar lunetas, e de que ele se queixava frequentemente à namorada lamentando que ela não pudesse passar-lhe a mão pelos olhos «que me ardem tanto» e explicando-lhe que não podia continuar a escrever porque lhe doíam «imenso os olhos», gozou sempre de uma saúde de ferro.

Entretanto, saem os resultados do concurso e Eça de Queiroz aparece classificado em primeiro lugar. Ora isto ia contra as mais íntimas expectativas de Batalha

Reis e até dos boatos que acerca do caso circulavam em Lisboa: alguns jornais chegaram a noticiar que ficara em primeiro lugar, e até amigos do pai, bem colocados, lho haviam confidenciado. Por uma carta de João Lobo de Moura ao seu amigo Batalha ficamos a perceber melhor a situação. Diz-lhe ele: «[...] é curiosíssimo o que me contou seu pai, a quem alguém escreveu dando os motivos da sua classificação inferior à do Queiroz e Manuel de Saldanha; sendo esses motivos a abundância científica das suas respostas ao quesito. Esta proficiência, em matéria consular, da parte do Batalha que eles julgavam habilitado especial e exclusivamente em ciência agronómica, não a supuseram natural, e concluíram que só um motivo extraordinário (sobrenatural talvez, a inspiração, o milagre) podia dar lugar a ela. Eis os elementos de que se serviram para a sua classificação. Eu tenho feito justiça deste facto, acusando-o de [...] verdadeiramente português.»

Tenha sido por esta razão, ou simplesmente por uma questão de cunha metida a preceito, a verdade é que Jaime ficara em terceiro lugar, sendo o segundo para Manuel Saldanha da Gama, que segundo informação de Gaspar Simões até já havia sido despachado para a Baía, mesmo antes do concurso! Eça será colocado em Havana na Primavera de 72 e Batalha Reis alcançará o seu posto de 1.º cônsul em 82, só tomando posse em 83, doze anos após o concurso em que tantas esperanças havia posto!

Nesse regresso a Lisboa, no fim do Verão, a vizinhança demasiado ruidosa do Jardim de S. Pedro de Alcântara levou-os a mudarem-se, primeiro para a Rua da Cruz do Pau e logo a seguir para a Rua dos Prazeres, onde se encontram instalados no princípio do ano de 71. «Eu e o Antero», escrevia Jaime a Celeste, «descobrimos uma casa barata e muito boa ao pé da Praça das Flores — Rua dos Prazeres n.º 63, 1.º» E foi aqui, neste primeiro andar, para onde se mudara a tertúlia de S. Pedro de Alcântara, que conquistara mais adeptos, que as «Conferências do Casino» se constituíram no projecto que tanta importância teve no panorama cultural da época.

Antero e Batalha foram os dois organizadores, mas todo o «Cenáculo» comungava das mesmas ideias: renovação cultural num país atrasado, em que só meia dúzia de cabeças estava a par do que se passava lá fora. A mesma preocupação, afinal, que movera os Coimbrões na sua arremetida contra os valores sediços representados pelo velho Castilho na já referida *Questão Coimbrã*.

Não podemos esquecer que as preocupações políticas não ficaram estranhas a todo este processo. A França, depois da derrota frente à Prússia, encontrava-se numa situação dramática, tanto do ponto de vista político como social. O levantamento da Comuna, em Paris, e as medidas revolucionárias que decretou tiveram enorme impacto na opinião pública europeia.

Os nossos futuros conferentes não estariam imunes à situação vivida em Paris, já que Batalha Reis afirma, em carta à namorada, que «no estado actual da humanidade as guerras são inevitáveis», acrescentando, mais adiante, que «a Comuna, minha Celeste, representa a miséria dos operários sem trabalho, dos operários que não chegavam a ganhar para as suas famílias, para o pão das suas famílias, enquanto os donos das fábricas juntavam em poucos anos milhões [...]. Ora é razoável, é digno defender das calúnias com que os atacam, a estes desgraçados que eram já filhos de filhos de filhos de operários miseráveis. Aqui tens por que eu sou pela Comuna. É horrível a guerra? É. Mas é mais justo quem a faz para comer do que quem a faz para matar à fome.»

O programa das «Conferências» dizia explicitamente, logo no primeiro parágrafo, que ninguém desconhecia «que se está dando em volta de nós uma transformação política e todos pressentem que se agita, mais forte que nunca, a questão de saber como deve regenerar-se a organização social». Para acrescentar mais adiante, mesmo ao jeito das preocupações expressas por Antero, Teófilo e seus apoiantes na já referida *Questão Coimbrã*, que «não pode viver e desenvolver-se um povo, isolado das grandes preocupações intelectuais do seu tempo; o que todos os dias a humanidade vai trabalhando, deve também ser o assunto das nossas constantes meditações». Depois, os confe-

rencistas expõem o que pretendem: «abrir uma tribuna» onde se discutam as ideias e o que de mais importante se tem feito, ligando Portugal ao «movimento moderno».

Houve uma primeira comunicação da autoria de Antero para explicar o objectivo das prelecções, a 22 de Maio, seguindo-se as conferências propriamente ditas. Os temas versados e as posições tomadas pelos conferentes levantaram imediatos protestos nos jornais, tendo-se envolvido em polémica com os críticos Batalha e Antero. O resultado, como se sabe, foi o encerramento da sala e a proibição, por parte do Governo e pela mão do ministro do reino, marquês de Ávila e Bolama, de outras duas intervenções cujos temas, aliás, também eram bastante escaldantes: «Os historiadores críticos de Jesus», por Salomão Sáragga, e «O Socialismo», precisamente por Jaime Batalha Reis.

Os protestos que se seguiram por parte dos conferentes e organizadores foram logo reforçados por dois folhetos, um de Antero e outro de Jaime Batalha Reis, que repudiavam duramente a atitude do Governo e atacavam violentamente Ávila e Bolama.

No folheto, Batalha Reis, depois de começar por afirmar que «Eu sou socialista», terminava dizendo: «Sabe V. Ex.<sup>a</sup> porque das 300 ou 400 pessoas que nos acompanharam a protestar contra a sua Portaria só assinaram 59? Porque as outras eram empregados públicos, isto é: homens que não podiam manifestar a sua

consciência, a sua convicção, homens a quem V. Ex.<sup>a</sup> demitiria no dia seguinte àquele em que tivessem mostrado que possuíam uma alma, uma ideia, um sintoma de independência. / E sabe V. Ex.<sup>a</sup> o que diz a opinião pública? / Que nunca serei nem agrónomo oficial para que todavia me habilitam os meus trabalhos e os meus cursos, nem cônsul de Portugal para que me habilitou um concurso por provas públicas. / [...] Foi em cumprimento do meu dever que me propus a falar na sala do Casino; é em cumprimento do meu dever que escrevo esta carta a V. Ex.<sup>a</sup> / Muito do estilo dela deriva de eu me ter colocado no seguinte ponto de vista: a ignorância de V. Ex.<sup>a</sup> / O que V. Ex.<sup>a</sup> fez obriga-me a descrever ou da sua ilustração ou da sua probidade. Eu descri da sua ilustração. Todos os actos da vida de V. Ex.<sup>a</sup> me autorizavam a fazê-lo.»

Com esta intervenção, acrescenta uma nova irreverência, desta vez bem mais pesada, à sua dissertação sobre o darwinismo. Batalha Reis sabia que Ávila e Bolama era uma das mais poderosas «cunhas» junto do qual o pai tinha algum valimento. Estava em andamento um projecto para uma nomeação de «cônsul-consultor» em países que tivessem apetência para comprar os produtos agrícolas portugueses, especialmente vinho, e o nosso agrónomo-cônsul sabia que o seu nome era um dos indicados. Não podemos deixar de sublinhar a coragem que esta sua intervenção representava no



quadro da desesperada procura de emprego para se poder casar com Celeste Cinatti.

Quando surgira a ideia das «Conferências», Antero escrevera a Teófilo que, no caso de o plano ter êxito, haveria outros projectos a lançar, sempre no intento de uma renascença intelectual portuguesa. Ora quando, em princípios de 72, Antero numa carta, do Porto, a Batalha Reis, alude à fundação da «nossa» revista, seria ela, portanto, um dos tais planos subsequentes à realização das «Conferências», já que essa ideia devia estar «dormente» na cabeça de Batalha Reis, pois aquando da estada de Fernandez de los Rios, em 69, como embaixador de Espanha em Portugal, a fundação de uma revista hispano-portuguesa fora assunto discutido por ambos. Numa carta a Celeste dessa data explica-lhe que a não pode ir ver nesse dia porque recebeu uma mensagem de Fernandez de los Rios pedindo-lhe «para ir conferenciar com ele [...] sobre a tal Revista Hespáñolo portuguesa».

Ora, embora existam apontamentos do ano de 72 onde Batalha Reis indica os assuntos a tratar na projectada revista, a *Revista do Ocidente*, alguns já com títulos e nomes de possíveis colaboradores, e onde, curiosamente, o nome de Queiroz aparece indicado para a rubrica «romance», o projecto é adiado em virtude do intenso trabalho profissional em que Jaime Batalha Reis se vê envolvido.

Finalmente, é a sua capacidade como agrónomo, empenhado na investigação da filoxera, com conhecimentos preciosos numa época em que esta praga punha em risco a nossa produção vinícola, que lhe irão dar a «recompensa» pela sua capacidade nos meios afectos à Agronomia. Terá talvez pesado, nas decisões tomadas, a consideração que os seus antigos professores tinham por ele, um dos quais, Ferreira Lapa, era nesse momento director do Instituto Geral de Agricultura. Em Fevereiro de 72 é nomeado chefe do Serviço Agrícola dessa instituição de ensino, um cargo da esfera administrativa que não lhe agradava inteiramente, pois como explica à Celeste, teria preferido o «lugar de lente no Instituto ao de secretário. Bem vêes que o lugar de lente era perfeitamente concorde com os trabalhos todos que tenho feito até agora, com o que sei, com o que gosto de fazer que é estudar. O lugar de secretário geral, lugar de secretaria, materialíssimo, fazendo cumprir estas ou aquelas leis, umas estúpidas outras absurdas, e todas secantíssimas. Tu não imaginas o que é o tal direito administrativo e o peso da maçada que é estudar isto [...]», mas garante-lhe que logo que for despachado se sentirá alegre e até achará o «lugar bonito, o serviço divertido». Como o amor pode tornar cor-de-rosa o que realmente deveria ser «secantíssimo»!

A verdade é que esta nomeação representou o passo decisivo para a sua entrada na carreira docente, e talvez fosse o que estava na mira dos que pressionaram a

decisão governamental. No Outono desse ano será escolhido para substituir Andrade Corvo, lente do Instituto, ministrando as cadeiras de Botânica e Economia Rural e Florestal.

E logo que sai a nomeação como chefe do Serviço Agrícola, os pais apressam-se a vir a Lisboa pedir a mão de Celeste, que então vêm pela primeira vez. Só depois de aceite o pedido, Jaime tem autorização para visitar a noiva em sua casa, com uma das manas como inevitável *chaperon*. O noivado é curto e o tão esperado casamento irá realizar-se em Setembro desse ano.



## O AGRÓNOMO-ESCRITOR

Nestes primeiros anos de casamento, embora mantendo a relação intelectual com os seus amigos, prosseguiu as investigações na área da patologia vegetal, com particular incidência nas moléstias da vinha, publicando folhetos e numerosos artigos sobre este assunto e sobre a agricultura popular, tema tão caro aos agrónomos e escritores da época, dedicando-se ainda, intensamente, ao ensino.

Antero, visita da casa que Batalha entretanto alugara para os lados da Ajuda, ganha uma grande estima por Celeste, cuja inteligência, cultura e personalidade a tornavam uma mulher diferente para a época, se pensarmos nos padrões de Eça e Camilo relativos à mulher casada do fim do século em Portugal. Padrão que não era coincidente com o das mulheres dos romances de Júlio Dinis, bem mais ilustradas e conscientes das suas capacidades.

Em 1873 nascera-lhes a primeira filha, a que dão o nome da mãe. Continua dando aulas e escrevendo para

a *Revista Agrícola* uma longa série de artigos (1873-1874) sob o título «Princípios de Agricultura Popular», com o objectivo didáctico de ensinar aos lavradores portugueses as formas mais modernas e produtivas da exploração da terra, no âmbito da grande campanha para a valorização da agricultura. Mas o projecto da revista com Antero não morrera. Pelo contrário, avantajara-se, e tal como Fernandez de los Rios idealizara, propunha-se atingir vários sectores da intelectualidade portuguesa e espanhola. Antero referira-se-lhe em Abril de 73, antes de partir para Ponta Delgada, aquando da morte do pai. Por essa carta dirigida a Batalha verificamos que o projecto tinha pés para andar e que os primeiros colaboradores já haviam começado a ser contactados. Entretanto, de Espanha, Oliveira Martins dá-lhes uma ajuda falando a alguns escritores espanhóis para colaborarem na revista e Batalha Reis elabora o prospecto da publicação, sem dúvida de sua autoria, mas que alguns historiadores de literatura atribuem a Antero, e como tal aparece no segundo volume das *Prosas*.

Mas em 74 Antero adoece gravemente em Ponta Delgada e escreve ao amigo comunicando-lhe que tem de desistir da sua participação na revista: «A minha doença [...] já me não dá senão um ou outro dia excepcional de vida activa, livre, humana [...]. Nada faço já, e nada poderei fazer para o futuro. Que se pode esperar dum verdadeiro entrevado, que não anda, e quase não

dorme nem come [...] Há já dois ou três meses que lhe queria dizer isto; mas, ia ainda esperando pelos últimos sintomas. Vejo porém que é um dever de consciência avisá-lo, por causa da Revista projectada. [...]. Se, para a sua Revista, o meu nome lhe é necessário, use dele: mas sem o homem e a sua actividade, de que serve o nome? Como amigo, ainda por alguns meses ou anos continuarei para V.; como companheiro e colaborador considere-me morto [...]

Jaime Batalha Reis não aceita a desesperada desistência do amigo. A carta que então lhe escreve para Ponta Delgada é um comovente testemunho da sua profunda amizade: «[...] O que vou fazer nesta carta não é consolá-lo. — De quê? Seria da minha parte fazê-lo cúmplice duma fraqueza que era sobretudo uma apostasia. Vou porém colocá-lo em face da sua situação sem subterfúgios, sem sofismas, diante da sua própria teoria, dos seus deveres [...]. / Sabe que está muito doente, e dizem-lhe talvez que essa doença pode ser mortal. Diante disto V. estende-se na sua cama e espera a morte sereno, sem querer fugir às leis naturais, sem se queixar [...]. Para si a morte é, como para Proudhon, um dar-se às formas sucessivas que o homem produz, é — no sentido novo que o seu misticismo metafísico dá a esta palavra — o último momento duma grande transfiguração. / Cuidado porém não se iluda a si próprio. É disso que venho avisá-lo. / A serenidade é o estado da boa morte; é sublime só porque é simples, natural e

lógica. Mas dentro da palavra serenidade pode estar o nada ou pode estar um mundo. / [...] A vida é sempre reacção, luta. Deve ser luta e reacção voluntária e consciente. A serenidade que não é cepticismo, implica essa luta. / Por que não se suicida? Porque o suicídio é uma forma do desespero [...]. Porque o suicídio é uma forma de morrer mal, e sobretudo de não compreender a morte. / Há porém muitas formas de suicídio. / Sei que V. se não desonraria filosoficamente com o emprego dalgumas das mais evidentes, mas pode pecar por irreflexão — a vida é em si mesma uma resistência à morte. / No momento em que o homem deixe de lutar pela vida e pela conservação, começa o suicídio. V. acharia absurdo e ímpio — no sentido em que já ambos nós empregamos esta palavra — quebrar o crâneo com uma bala, e acha filosófico esperar na sua cama a morte que pode ser apenas o resultado da falta de emprego de mil meios de que ainda não lançou mão. Sair dum clima cuja má influência já conhece, viajar, consultar outros médicos. Não ensaiar estes métodos é o suicídio, é a tranquilidade do cepticismo, não é a serenidade filosófica de quem morre criando: o abandono é a forma tranquila do *desespero*. / Ora eu quero *animá-lo* no sentido verdadeiro desta palavra — *pô-lo na vida* para que aceite a morte, mas para que não *destrua a boa morte*, procurando-a. / [...] A primeira condição da boa morte é a plenitude da vida. Esta só se prova no seu estado lutando pela conservação. É só



depois que tem, ou antes, é durante essa luta que o homem tem direito a morrer [...]»

Oliveira Martins, que partira num estado de grande inquietação para Ponta Delgada para acudir ao amigo, é o portador da carta de Jaime. Antero, em resposta, nega a interpretação demasiado pessimista e assegura-lhe «que estou disposto a seguir tudo quanto for necessário para não parecer que me quero suicidar». Com efeito, ensaia novos tratamentos e regressa bastante melhor a Portugal, no princípio do Outono.

Durante este período, Batalha Reis desenvolvia uma prodigiosa campanha para angariar fundos e colaboradores e a revista é rebaptizada: chamar-se-á *Revista Ocidental*. Nas profusas cartas que envia para todo o lado, incluindo Espanha e França, utiliza sempre o nome de Antero e o seu, «falsificando a firma do amigo», como de resto este lhe sugerira. Assim, aos olhos de todo o público que recebia a correspondência lá estavam as «assinaturas» «Anthero de Quental» e «Jayme Batalha Reis».

Depois de vários contratemplos, que o nosso agrónomo-escritor vai vencendo com a sua habitual tenacidade, a revista vê luz do dia a 15 de Fevereiro de 75. Logo neste primeiro número aparecem colaboradores espanhóis e portugueses com peso no meio intelectual e político: Oliveira Martins, Antero, Eça, Batalha, Cánovas del Castillo, Pi y Margall, Fernandez

de los Rios (não explícito!), Olave y Diez, Ramon Cala. Os temas que irão surgir nos números seguintes serão variados e a colaboração de bom nível, abarcando áreas diversificadas: literatura (romance e poesia), ensaio histórico, literário, etnográfico, económico, político e sociológico, crónica social e política e ainda recensão bibliográfica. Mas o artigo de abertura da autoria de Oliveira Martins, versando os problemas da «Hispania», e a inserção de nomes de conhecidos iberistas espanhóis, levantam contra a revista vozes discordantes e mais uma vez estala a polémica, encabeçada agora por Teixeira de Vasconcelos e com resposta pronta de Batalha Reis. Antero, ainda mal refeito da crise açoriana, passeia-se pela tipografia, revê provas e torce o nariz à colaboração de Queiroz, que se está estreando com *O Crime do Padre Amaro*. Jaime luta em várias frentes pela continuação da publicação: assinaturas, colaboração, dinheiro para a tipografia, pagamento aos colaboradores... O copiador da revista, existente no seu espólio com dezenas e dezenas de cartas, dá-nos uma ideia aproximada da furiosa actividade organizativa deste homem para quem os projectos literários continuavam a ter importância relevante. Porém, uma vez mais, a continuidade da revista na qual nos parecem mais apostados Jaime e Joaquim Pedro acaba por falhar. O último número irá sair em Julho e a hipótese de a ressuscitar, que chegou a ser aventada, nunca veio a realizar-se.

O ano de 1876 trouxe a Batalha Reis uma compensação que muito o animou, porque além do reconhecimento do seu estatuto como agrónomo vinha ao encontro de um dos sonhos de juventude que, com frequência, confienciava a Celeste: viajar, mas viajar com ela por esse mundo fora! Em Março deste ano é nomeado um dos três comissários à Exposição de Filadélfia, que comemora o centenário da Independência dos Estados Unidos. Parte com a mulher e a filha, que tem cerca de dois anos, ainda com a incumbência de estudar a cultura da vinha, do algodão e do tabaco, o que deveria prolongar a sua estada para além do fecho da Exposição, durante o ano de 77. Porém, uma mudança de ministério obriga-o a um regresso precipitado, sem ter concluído a missão. Ao voltar, aceita o convite do *Comércio do Porto* para colaborar na secção agrícola, em substituição de Ferreira Lapa, iniciando em Dezembro desse ano a série de artigos «Revista Agrícola».

Nos anos que se seguem vai continuando a somar êxitos no currículo de agrónomo: estuda na Marinha Grande os efeitos da resinagem nos pinheiros, é convidado para o Congresso Pomológico a realizar no Porto, é nomeado para fazer parte da expedição científica à serra da Estrela, é aceite como membro efectivo da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Em 1880 é criada no Instituto Geral de Agricultura a cadeira de Microscopia e Nosologia Vegetal, que lhe

é destinada, em virtude das investigações levadas a cabo, por ele, nessa área, utilizando pela primeira vez o microscópio, técnica em que fora iniciado pelo seu amigo Curry Cabral, um dos grandes médicos da época.

Continua, naturalmente, a escrever nas revistas da especialidade. É nesse ano de 1880 que inicia uma interessante colaboração de carácter enciclopédico no jornal quinzenal *O Atlântico* com o título genérico «Ciências, Artes e Letras», no qual, encarregando-se do primeiro tema, abordava as mais recentes investigações científicas e se mostrava a par das discussões travadas na Europa sobre a existência de «pequeníssimos seres» responsáveis «da existência e do desenvolvimento das pestes e das doenças contagiosas introduzindo-se nos organismos superiores, por meio do ar que entra nos pulmões, pelas águas, ou pelos alimentos». Esta colaboração manteve-se até 81, ao mesmo tempo que retomara em 1880 o seu «violino d'Ingres» — a crónica sobre ópera no *Jornal da Noite* com o título «A Música em Lisboa», uma longa série de interessantes artigos sob o pseudónimo de V. de D. — até Junho de 83, praticamente nas vésperas de embarcar para Inglaterra, como veremos mais adiante.

É lícito, contudo, acrescentar que o seu interesse pelos aspectos mais literários da vida intelectual não era ignorado no meio lisboeta: faz parte, em 1880, da Comissão Executiva do Tricentenário da Morte de Camões, sendo, no ano seguinte, delegado extraordi-

nário da Sociedade de Geografia de Lisboa às comemorações de Calderon de la Barca, em Madrid. Aos poucos, o círculo de conhecimentos alarga-se: torna-se amigo dos irmãos Bordalo Pinheiro e o seu interesse pela pintura toma novos rumos e aprofunda-se.

Finalmente, em Julho de 82, é nomeado 1.º cônsul para a vaga existente em Newcastle e, em Dezembro, é nomeado lente da cadeira de Microscopia e Nosologia Vegetal, de que toma posse, precisamente, a 30 de Dezembro. Ainda durante o início do ano seguinte é encarregado de várias missões inerentes à sua profissão de agrónomo de reconhecido mérito. Mas no Verão desse mesmo ano de 83 parte para Inglaterra com a mulher e a filha, tomando posse do consulado a 16 de Agosto.

O que terá levado este homem, com uma carreira já firmada no campo da agronomia, a abandonar a pátria e a estabilidade económica por uma nova actividade? Talvez se sentisse, como muitos companheiros de geração, limitado na estreiteza do ambiente português e sonhasse com uma vivência cultural europeia que os meios diplomáticos podiam facilmente proporcionar, não esquecendo o seu desejo veemente de viajar, de conhecer novas terras. É a verdade é que o século XIX é fértil em diplomatas-escritores, portugueses, espanhóis, franceses, brasileiros...



## DIPLOMATA, HISTORIADOR E GEÓGRAFO

Newcastle era uma simpática cidade, no condado de Northumberland, com belas igrejas e vastos parques. Situava-se, contudo, numa zona mineira e industrial, junto do rio Tyne donde directamente se exportavam os produtos, o que lhe dava uma grande actividade económica e relativa animação. Eça, que já lá estivera colocado, não apreciara aquela «cidade industrial típica», mas Manuel Roussado, que também por lá passara como cônsul, garantira a Jaime que Newcastle era «uma das cidades mais agradáveis de Inglaterra», ressalvando, no entanto, que «A Inglaterra é feita para os ingleses», opinião em que comungaram outros homens desta geração, não esquecendo Queiroz e o próprio Batalha, que sempre detestaram a ilimitada arrogância dos Ingleses, que se supunham a raça superior «encarregada por Deus Nosso Senhor de fazer a felicidade de todas as outras raças, dominando-as ou dirigindo-as», e o desprezo por todas as maneiras de viver que não esti-

vessem de acordo com as suas próprias normas. Batalha Reis, que vai habitar numa cidade onde havia grande percentagem de operariado, ficará profundamente chocado com a abissal diferença entre os bem instalados e os que nada tinham. Eça, que pegava sempre a realidade social com pinças e ocupara esse posto diplomático, como já referimos, quatro anos antes, dissera-lhe em carta: «Saberás que Newcastle, onde há perto de 100 mil operários, é o centro socialista de Inglaterra. Estou no foco. É desagradável, o foco.»

Os últimos meses desse ano passou-os ele instalando-se com a família. As casas eram relativamente baratas e Celeste, dominando perfeitamente o inglês, não tinha problemas de integração. As dificuldades eram para o novo diplomata, que, numa época de grande instabilidade política em vários continentes, se via obrigado a um aturado estudo de matérias, que, se não eram para ele novidade, tiveram de ser agora aprofundadas, recorrendo à mais recente bibliografia: geografia e história. E aqui, em Inglaterra, se lhe faltava a biblioteca do Grémio Literário tinha o recurso das vindas a Londres em consultas diplomáticas, o que lhe permitia as idas à biblioteca do British Museum, que passou a frequentar com entusiasmo. Logo no ano seguinte é aceite como membro de várias sociedades científicas e literárias inglesas, indo representar Portugal no tricentenário da Universidade de Edimburgo e numa exposição florestal que aí se realiza.



E o projecto da exportação do vinho português para os mercados estrangeiros volta de novo a estar na sua mira. O mercado inglês parece-lhe ter as condições ideais para importar e comercializar o vinho português, e passa a bombardear o ministério com relatórios e planos. Ainda em 1902, numa das suas vindas a Portugal para tratar de vários assuntos, a questão dos vinhos estará presente numa conferência que profere na Associação Comercial de Lisboa sobre o potencial mercado de Londres para produtos portugueses. Tinha essa persistência «duma força que nos deixa exaustos», dirá dele muitos anos mais tarde Raul Brandão no seu *Vale de Josefát*. Mas a persistência nesta área da conquista de mercados para produtos portugueses não encontrou, na altura, orelha atenta por parte de Lisboa. É certo que outras preocupações mais prementes começavam a surgir: como justificar e defender a nossa permanência em África, frente às outras potências colonialistas muito mais poderosas no terreno, especialmente a Inglaterra, que nos acusava frequentemente duma criminosa prática que tanto Ingleses como Franceses constantemente exerciam: a prática da escravatura.

É então que o geógrafo e historiador se lança na polémica respondendo aos ataques de que Portugal era alvo nos jornais ingleses. Desta sua preocupação e actividade dá-nos conta a correspondência trocada logo a partir de 1884 com o então ministro dos Negócios Estrangeiros, José Vicente Barbosa du Bocage, publicada,

em boa hora, por Alice Godinho Rodrigues. Nela podemos ler no fim do ano de 84: «A verdade é que há muitos anos [...] que os ingleses se habituaram a ler nos seus jornais e nos seus livros afirmações desfavoráveis a Portugal, a que ninguém responde.» Perante esta situação, o novo cônsul começa a actuar de várias formas: envio de relatórios sobre o assunto alertando o Governo português, resposta pronta nos jornais ingleses aos ataques a Portugal, que «é também considerado como um país que nada ou quase nada tem feito a bem da civilização», e conferências nas sociedades científicas inglesas onde o seu nome se ia tornando conhecido. Este movimento a favor dos direitos de Portugal em África vai estender-se a jornais e revistas francesas e portuguesas, sendo alguns dos artigos traduzidos pela imprensa alemã, holandesa e italiana. A *Revista de Portugal*, de Eça vai publicar-lhe a tradução da conferência feita na Ethycal Society com o título «Características de Portugal na Europa e na História da Humanidade». Tal campanha, constituída por numerosos artigos com fundada argumentação científica, vai ser publicada intensamente de 1887 a 1893, embora este assunto nunca tenha sido abandonado por ele. Mais tarde, Batalha Reis lamentar-se-á de nunca ter havido interesse em recolher todos estes artigos. Essa tarefa, contudo, veio a ser, pelo menos em parte, levada a cabo pela dedicação das filhas Celeste e Beatriz, e a valiosa contribuição de Augusto Reis Machado, que escreveu

a introdução aos *Estudos Geográficos e Históricos*, obra póstuma publicada em 1941, que reúne as suas mais importantes intervenções dessa época.

Cumprе, talvez, sublinhar, e aqui adoptamos a opinião de Marques da Costa, expressa no seu artigo pioneiro «Sobre um possível Jaime Batalha Reis», que ele procurou sempre manter-se apartidário no meio dos jogos políticos e politiquеiros das últimas décadas do século XIX: «Batalha Reis quis ser um técnico, não um político. Foi irrepreensivelmente coerente.» E talvez por isso a sua carreira teve uma progressão tão lenta, ele que foi sempre chamado nas situações de aperto, quando a diplomacia portuguesa não sabia como melhor resolver os problemas.

Entretanto, os amigos da roda intelectual de Lisboa não o tinham esquecido. Continua a corresponder-se com Antero, Oliveira Martins, Eça, Ramalho, Lobo de Moura, e a ser solicitado para diferentes colaborações. Em 1884, no artigo publicado no *Comércio de Portugal*, defende ardorosamente o quadro *Um Concerto de Amadores*, de Columbano, que, embora presente no *Salon* de Paris em 1882, e depois rejeitado pela comissão que organizava a Exposição da Sociedade Promotora de Belas-Artes de Lisboa, acabara por lá ser exposto, envergonhadamente. Apresenta o seu autor como o primeiro grande artista da geração a que pertence: «Portugal possui, enfim, um grande pintor. Esse pintor é Columbano Bordalo Pinheiro.» Até aí as

paredes das salas de exposições estavam cobertas de «trabalhos mais ou menos insignificantes do que eu chamo *pequena arte* — aspectos da natureza, paisagens, flores, animais —, ou de ensaios que podem apenas considerar-se como estudos fragmentários dos elementos de qualquer grande obra futura». Depois, analisando minuciosamente o quadro de Columbano, a luz, a estrutura, as personagens, conclui «que aquele grupo de amadores, poderosamente concebidos e pintados, nos dá, apesar do título banal do quadro, a impressão profunda e vaga duma sinfonia de Beethoven, de Schumann ou de Brahms [...]» E acrescenta: «a arte não pode ser a mera cópia da natureza. A 'grande obra de arte' [...] é a alma humana interpretada pelo artista. Não há grande artista que não seja 'individual, original, mergulhando na forma especial dos seus sentimentos os personagens que representa'.» O seu interesse pela Estética, Estética com *E* grande, começa a reforçar-se.

Ainda em meados de 84, o seu amigo Mariano Pina que fora para Paris e fundara *A Ilustração*, escrevera-lhe a pedir colaboração para a revista e perguntando-lhe se «o consulado já matou o escritor». Este pedido dará origem a três artigos publicados de 85 a 87 sobre a Inglaterra e os seus habitantes, olhar crítico e divertido que iria merecer de Queiroz palavras entusiásticas: «uma *charge* da velha Inglaterra mas feita com bonomia e uma ironia serena de todo o ponto excelente.»

Em 1888, por convite de Jaime Séguier, seu colega de letras e de diplomacia, começa a enviar para *O Repórter*, jornal do Porto, uma longa série de crónicas, dezassete ao todo, com o título «Revista Inglesa», que saíram durante esse ano, de Janeiro a Dezembro. Embora o amigo lhe houvesse pedido para as assinar com o seu próprio nome, visto ser habitual nele o uso de pseudónimos, Batalha Reis não lhe faz a vontade. As crónicas, bastante contundentes para a realidade inglesa, irão aparecer sob o nome de «J. Teixeira de Azevedo», pseudónimo com que rubricara os artigos vindos a lume em *A Ilustração*. Esta colaboração, saída em *O Repórter*, será retomada com o mesmo título para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, de 93 a 96, num conjunto de vinte e sete «revistas», agora sob o pseudónimo de «Dinis de Itajubá». Nelas Jaime Batalha Reis, numa linguagem simples, clara, directa, vai transmitir-nos a fisionomia da Inglaterra das últimas décadas do século, utilizando uma técnica informativa que leva o leitor a intervir, com o seu juízo, para avaliar os acontecimentos que o narrador transmite, colorida por certa dose de ironia que nunca descamba no sarcasmo, e tem por certo o objectivo de prender a atenção do leitor. Aliás, Batalha Reis defendia que o jornalista deve explicar os factos que se derem, como se estivesse de fora, como se fosse um espectáculo a que se estivesse assistindo. Mas além desta colaboração para a *Gazeta de Notícias*, instado por Eça que ficara encarregado,

depois da morte de Guilherme de Azevedo, de arranjar colaboradores para o jornal do Rio de Janeiro, começa a enviar artigos sobre teatro, pintura e outros assuntos de carácter cultural ou político, todos eles assinados com pseudónimos, colaboração com que aumentava os seus recursos financeiros, dado que lhe tinham nascido mais quatro filhos, duas raparigas e dois rapazes. A primeira dessas filhas nascidas em Inglaterra, Maria, era afilhada de Antero e o primeiro dos rapazes, Jaime, era-o de Oliveira Martins.

Nas batalhas diplomáticas em que se empenha ao mesmo tempo que vai escrevendo para jornais portugueses e estrangeiros, o seu reconhecido mérito leva-o a desempenhar missões confidenciais em Berlim e Paris ligadas a dois problemas cruciais nesta época, «as negociações com a Inglaterra sobre África e a situação do nosso crédito na Europa», como ele próprio dirá ao recém-nomeado ministro dos Estrangeiros, José Vicente Barbosa du Bocage.

Amigo pessoal de alguns dos mais famosos exploradores africanos, Serpa Pinto, Capelo e Ivens, esteve presente como perito do Governo português na Conferência Anti-Esclavagista que se realizou em Bruxelas de 1889 a 1891. Antes de a conferência terminar já estava a trabalhar no problema do empréstimo, no meio de «uma guerra de artigos violentos» e «cartazes insultantes [...] que cobriam (e cobrem ainda hoje) as esquinas da capital e das principais cidades de França», como

escrevia ao ministro dos Estrangeiros num relatório confidencial enviado de Paris, no Outono de 1890. E é no meio desta intensa actividade que recebe a terrível e inesperada notícia do suicídio de Antero. O texto que escreve para o *In Memoriam* do amigo, «Anos de Lisboa: algumas lembranças», é uma peça fundamental para a biografia do poeta e um importante testemunho dos primeiros passos da chamada «Geração de 70», colaboração arrancada a ferros por Luís de Magalhães e Joaquim de Araújo, organizadores do volume, e enviada de Newcastle a 20 de Agosto de 1894, quatro dias antes da morte de Oliveira Martins. O *In Memoriam* só sairá dos prelos em 1896!

Supomos que é, principalmente, graças a esse texto e ao que depois veio a publicar sobre Eça que o nome de Batalha Reis voltou a ser conhecido, aos olhos dos nossos contemporâneos, como um dos elementos «literários» da «Geração de 70». Mas só com a publicação dos estudos sobre Antero e da correspondência com alguns companheiros de geração é que a sua contribuição no campo da cultura veio a ser definitivamente reconhecida. A morte de Oliveira Martins, logo a seguir à de Antero, veio abalá-lo ainda mais. Na correspondência desta época que troca com Luís de Magalhães, insiste para que tragam a Londres o amigo doente, visto aí já se curarem tuberculosos, perguntando se vão «deixar morrer o Martins sem lutar com

todas as armas [...]». Quando envia a carta de Inglaterra já o amigo falecera!

No ano seguinte, em 1895, já *fellow* da Royal Geographical Society de Londres, apresenta uma comunicação ao VI Congresso Internacional de Geografia, realizado em Londres, com o título «On the definition of Geography as a science and on the conception and description of the Earth as an organism», em que defende uma posição, no dizer de João Carlos Garcia no seu trabalho *Jaime Batalha Reis, geógrafo esquecido*, «de um homem das ciências naturais [...]. O evolucionismo darwiniano que, como nós vimos, desde muito cedo defendeu, encontrámo-lo aqui desenvolvido e consolidado num organicismo quase extremo. Nas próprias posições filosóficas de Batalha Reis encontramos este seu debater-se e este seu percurso de pensamento ligados à filosofia da ciência. Toda a correspondência trocada com Antero de Quental o comprova, toda a partilhada com Oliveira Martins o demonstra.»

Entretanto o ciclo de amigos alargara-se com o conhecimento de diplomatas brasileiros, também escritores, e com músicos e escultores de várias nacionalidades que haviam feito de Londres o seu quartel-general. A correspondência com eles trocada é em extremo interessante, mostrando o seu cada vez mais apurado gosto artístico e arguto sentido crítico.



Em 1897 é nomeado cônsul-geral de 1.<sup>a</sup> classe em Londres, cargo pelo qual se vinha batendo há já algum tempo, considerando-o merecido dada a complexidade e importância das missões de que vinha sendo encarregado. No fim desse mesmo ano é nomeado delegado à Conferência Internacional para Protecção da Fauna Africana, a realizar em Londres em 1900. E é durante esse fatídico Verão que, com onze dias de intervalo, lhe morre a mulher e o seu outro grande amigo, Eça de Queiroz, amizade que durava, como diz em carta à viúva, «há trinta e cinco anos». É então que Luís de Magalhães volta a lembrar-se do nome de Batalha para a introdução às *Prosas Bárbaras*, obra que irá sair postumamente. O nosso cônsul hesita. A gestação do artigo sobre Antero fora difícil e morosa. Luís de Magalhães volta a insistir. Não tinha sido Batalha o único a assistir de perto à criação desses ultra-românticos folhetins na *Gazeta de Notícias*? E assim surge a outra peça igualmente memorialista de Jaime Batalha Reis, primorosamente escrita, a «Introdução» às *Prosas Bárbaras*, obra publicada em 1903.

Os anos até à proclamação da República continuaram a ser de intensa actividade em congressos e consultas diplomáticas. Em 1909, em Paris, na reunião da Association Scientifique Internationale d'Agronomie Coloniale propõe, antecipando-se à Bélgica e à Holanda, o estudo do trabalho agrícola e emprego indígena em países tropicais, sendo nomeado relator principal.

Como ele próprio explica no relatório que elabora em colaboração com Heim de Balsac, publicado em 1914-1915, o que se pretendia com o inquérito não era quantificar a mão-de-obra agrícola, mas estudar «as condições de existência e o destino dos Trabalhadores agrícolas, nas colónias e nos países tropicais».

## OS ANOS DA REPÚBLICA: UMA NOVA VIVÊNCIA

Quando se dá a Revolução de 5 de Outubro, Jaime Batalha Reis encontra-se em Bruxelas, delegado ao Congresso Internacional. A 21 é chamado a Lisboa. Bernardino Machado, que lhe apreciava a inteligência, a capacidade de trabalho e de organização, encarrega-o de ajudar à remodelação do ministério. Durante o ano de 1911 é nomeado, sucessivamente, chefe de missão de 2.ª e 1.ª classe em Haia e em Roma sem, contudo, ir ocupar os lugares por estar a desempenhar «serviços especiais». Em Julho é nomeado enviado extraordinário e ministro plenipotenciário a S. Petersburgo, embarcando, juntamente com João Chagas, que ia desempenhar as mesmas funções em Paris, no «paquete alemão *König Friedrich August*», no dia 1 de Novembro, pelas 11 horas, rezando os jornais que tinham tido «os ilustres diplomatas uma despedida afectuosa por parte dos seus inúmeros amigos pessoais e políticos.»

A 28 de Novembro está a escrever às filhas, narrando-lhes como decorrera a cerimónia da entrega das credenciais, dois dias antes: «[...] abriu-se uma porta pela qual se adiantou o Grão-mestre das cerimónias que me anunciou em voz muito alta, dizendo o meu nome um tanto estropiado, e a minha qualidade, retirando-se, em seguida, pela mesma porta que se fechou. / Vi então diante de mim um homem pequeno, magro, macilento, de barba castanha clara, que se adiantou para mim sorrindo, e estendendo-me a mão. Entreguei-lhe, com algumas frases oficiais, as minhas credenciais [...]. E começámos a conversar. Não podem imaginar nada mais afável, mais natural, mais familiar, mais simpático do que o Tsar. [...] Contou-me muitas anedotas engraçadas da sua completa semelhança com o actual Rei de Inglaterra. [...] Assim estivemos quase uma hora. Saí de lá encantado.» Mas logo no mês seguinte é autorizado a ausentar-se para desempenhar comissões em Paris e Londres. No fim do ano de 1913 é enviado de novo à Rússia como representante de Portugal nas comemorações do tricentenário da dinastia Romanof. Desta vez leva consigo duas das filhas, Celeste e Beatriz.

Embora haja sido, neste período, nomeado nosso ministro em Madrid, a nomeação é anulada dado que o início da 1.<sup>a</sup> Grande Guerra aconselhava a continuação da sua estada em S. Petersburgo. E em 9 de Março de 1917, assiste com suas filhas à última audiência da

tsarina Alexandra no palácio de Tsarskoe Zelo, onde cinco anos antes estivera a entregar as credenciais a Nicolau II. É assim apanhado no vórtice da Revolução de 1917 e envolvido nos acontecimentos diplomáticos que então ocorreram. Só em 1918 consegue, com outros colegas, sair da Rússia por Murmarsk, no meio de grande susto e enorme confusão. O socialista Batalha Reis não conseguira discernir, no meio da luta renhida das diferentes facções, que uma certa forma de socialismo estava a ponto de se concretizar, e que muitos dos princípios que defendera na mocidade também faziam parte das aspirações de alguns desses revolucionários...

No fim desse ano, considerando os seus muitos conhecimentos da situação política e diplomática europeia, é nomeado delegado plenipotenciário à Conferência de Paz, em Paris. Tinha então 71 anos! A actividade que desenvolve é prodigiosa. No espólio há inúmeros documentos relativos à sua participação e um valioso conjunto de manuscritos com reflexões sobre: teoria do direito, nacionalidades, formas de governo, sociedade/indivíduo, tratados, aliança inglesa, religião, heresias, entre muitos outros assuntos e numerosas cronologias, hábito comum a Batalha sempre que estudava assuntos ligados à história e junto aos quais se encontra uma notável colecção de recortes de jornais.

Melo Barreto, ministro dos Negócios Estrangeiros, nomeia-o então representante de Portugal na recém-fundada comissão que irá elaborar o Pacto da

Sociedade das Nações, em Bruxelas. No regresso a Portugal, cria o Secretariado da Sociedade das Nações no ministério dos Negócios Estrangeiros e lança as bases da Associação Portuguesa para a Sociedade das Nações, de que veio a ser vice-presidente.

Só então, em 1921, com o problema dos olhos a agravar-se, é que se reforma. Em 12 de Agosto de 1922 sai o decreto da sua aposentação, quando já estava retirado na sua propriedade da Quinta da Viscondessa, no Turcifal, com as duas filhas solteiras, Celeste e Beatriz. Maria, a afilhada de Antero, casara-se em Inglaterra e já por essa altura tinha filhos; Jaime, o afilhado de Oliveira Martins, morrera em Southampton em 1914, onde era vice-cônsul. Victor, o outro filho, também se radicara em Inglaterra.

Encontra-se finalmente livre para poder dedicar-se à «sua obra» com que sonhara ao longo dos anos. Gostaria muito de ter escrito sobre os outros companheiros de geração, sobre os acontecimentos literários em que participara, sobre a sua actividade como diplomata... Mas fundamentalmente gostaria de ter escrito a «sua filosofia», que no dizer do amigo Viana da Mota se chamaria a *Explicação do Universo*. São inúmeros os manuscritos existentes no espólio que alguém pacientemente transcreveu, formando um conjunto cuja leitura nos dá uma visão aproximada do seu pensamento filosófico, em que a vertente estética tem um considerável peso. Na sua dissertação de mestrado, Patrícia

Carrilho Ribeiro faz uma interessante e minuciosa análise dessa faceta do pensamento de Batalha Reis, «um caso ímpar no pensamento estético português do final de oitocentos».

Nos últimos anos que lhe restam até 1935, data em que morre vítima de trombose, carteia-se com escritores e políticos da nova geração: Sérgio, Brandão, Pascoaes, Alfredo Pimenta (com quem tem uma violenta zanga), Bruno Carreiro, Virgínia Vitorino, Jaime Cortesão. Ao retiro da Quinta da Viscondessa continuam a afluir honrosas nomeações para diferentes associações, sociedades e congressos. Sente-se, contudo, sozinho com o seu sonho: escrever a obra filosófica esparsa em centenas de papéis misturados com milhares de cartas e rascunhos que abarrotavam os dezanove armários da sua sala de trabalho. Este espectáculo levava-o a exclamar completamente desalentado: «Não posso! Não posso!» E não podia, com efeito. Tinha 78 anos e acabara de ser operado às cataratas, que quase o haviam deixado cego.

Agora que se começa a levantar o véu acerca da sua prodigiosa capacidade e invulgar inteligência, alguma coisa se deverá fazer. Mas muito pouco, afinal, se poderá hoje transmitir em relação ao que representou para os amigos e companheiros de jornada intelectual e política, para a sua geração. Junqueiro, numa carta de 1902, diz-lhe: «Vendo-o a você, ao cabo de uma longa ausência, adquiro instantaneamente a plenitude de mim

próprio: sinto-me mais Junqueiro — Junqueiríssimo! Você, correndo enlevado salas de museus, busca fragmentos de si mesmo. As partes do indivíduo Jaime, que estavam fora do Jaime, encaixilhadas e dispersas. Jaime, recuperando-as, sente-se o Jaime verdadeiro, inteiro, de corpo todo. Diante de Rembrandt ou de Beethoven, Jaime superlativa-se. / De sorte que nós andamos aos bocados, pelo mundo. E você é para mim um dos meus bocados essenciais. Vê-lo é completar-me».

Quem não gostaria de merecer uma confiança destas?



## 1. FONTES MANUSCRITAS

- Espólio Jaime Batalha Reis* (Esp. E4/Cx. 57, 58, 62) BN, ALPC, Lisboa.
- REIS, Jaime Batalha — Carta de 25 Agosto de 1994, a Luís de Magalhães (Esp. E2/202) BN, ALPC, Lisboa.

## 2. BIBLIOGRAFIA

### 2.1. Activa

- A agricultura no districto de Vizeu*, Lisboa, Imp. Nac., 1871.
- «Annos de Lisboa: algumas lembranças», in *Antero de Quental: In Memoriam*, Presença/Casa dos Açores, 1993 (fac-símile).
- Batalha Reis na Rússia dos Sovietes [...]* (análise crítica, recolha e notas de J. Palminha da Silva), Porto, Afrontamento, 1984.
- Commercio de vinhos no Reino Unido de Gran Bretanha e Irlanda*, Lisboa, Tip. A Editora, 1907.
- Correspondência entre Antero de Quental e Jaime Batalha Reis* (int., org. e notas de Maria Staack), Lisboa, Assírio e Alvim, 1982.
- Correspondência para Barbosa du Bocage* (int., org. e notas de Alice Godinho Barbosa), Lisboa, INIC, 1990.

- O Descobrimento do Brasil Intelectual pelos Portugueses do Século XIX* (org., pref. e notas de Elza Miné), Lisboa, Publ. D. Quixote, 1987.
- Eça de Queiroz e Jaime Batalha Reis: Cartas e Recordações do Seu Convívio* (escritos colig. e apres. por Beatriz C. Batalha Reis), Porto, Lello & Irmão Ed., 1966.
- Estudos Geográficos e Históricos*, Lisboa, A. G. C., 1941.
- Exmo. Snr. Marques d'Avila e Bolama*, Porto, Tip. Comercial, 1871.
- Expedição científica á Serra da Estrella em agosto de 1881 [...]*, Lisboa, Sociedade de Geografia, 1881.
- «Introdução» in QUEIROZ, Eça de — *Prosas Bárbaras*, Porto, Livr. Chardron, 1903.
- A nova molestia das vinhas no Douro*, Lisboa, Imp. Nac., 1873.
- A physiologia em geral e em especial a das plantas superiores com introdução ao estudo da nosologia vegetal*, Lisboa, Tip. Verde, 1882.
- Revista Inglesa: crónicas* (org., int. e notas de Maria José Marinho), Lisboa, Publ. D. Quixote/BN, 1988.

## 2.2. Passiva

- COSTA, Fernando Marques da — «Um namoro na geração de 70 [...]», in *Análise Social*, Lisboa, 22 (92-93), 1986, pp. 715-733.
- COSTA, Fernando Marques da — «Sobre um possível Jaime Batalha Reis e tábua biocronológica de Jaime Batalha Reis», in *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 3 (1-2), 1983, pp. 129-151.
- CUNHA, Isabel Férin — «Sobre a estante de Jaime Batalha Reis: o homem e o seu círculo», in *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, S. 2, 8 (2) Jul.-Dez. 1993, pp.109-179.
- GARCIA, João Carlos — «Jaime Batalha Reis, geógrafo esquecido», in *Finisterra*, Lisboa, XX, 40, 1985, pp. 300-314.

- MARINHO, Maria José — «A Revista Ocidental, 1875: um projecto da Geração de 70», in *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, S. 2, 7 (1), 1992, pp. 43-74.
- QUENTAL, Antero de — *Cartas I e II* (org., int. e notas de Ana Maria Almeida Martins), Lisboa, Univ. dos Açores/Ed. Comunicação, 1989.
- RODRIGUES, Alice Godinho — *Jaime Batalha Reis Geógrafo, Historiador, Político e Diplomata*, Porto [s. n.], 1988.
- SANTOS, Andrade — *Batalha Reis no Turcifal*, Torres Vedras, Tip.A União, 1993.
- SERRÃO, Joel — *O Primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, Livr. Horizonte, 1985.

### 2.3. Principais publicações periódicas em que colaborou \*

- O Atlantico*, Lisboa, 1880, Fev. 13-1881, Abr. 30.
- Chronica dos Theatros de Portugal*, Lisboa, 1868, Maio.
- O Commercio do Porto*, Porto, 1877, Dez. 5-1893, Jul. 1.
- Commercio de Portugal*, Lisboa, 1881, Dez. 22-1884, Jul. 8.
- Diario da Manhã*, Lisboa, 1876, Jun. 6-1880, Nov. 13.
- Diario de Notícias*, Lisboa, 1921, Jun. 6-1930, Maio 6.
- Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 1892, Abr. 26-1895, Dez. 16.
- Gazeta dos Lavradores*, Lisboa, 1879, Jan.-1883, Ago.
- The Geographical Journal*, Londres, 1897, Fev.
- A Illustração*, Paris, 1885, Dez. 20-1887, Out. 5.
- Jornal da Noite*, Lisboa, 1880, Mar. 6-1883, Jun. 16.
- Jornal do Commercio*, Lisboa, 1902, Jul. 4-19.
- Leeds Mercury*, Leeds, 1888, Ago. 11-Set. 8.
- Newcastle Daily Chronicle*, Newcastle, 1887, Fev. 26-1889, Set. 17.

\* As datas correspondem ao primeiro e último artigos do autor.

*La Nouvelle Revue*, Paris, 1891, Abr. 15.  
*A Republica*, Lisboa, 1870.  
*O Reporter*, Porto, 1888 Jan. 2-Dez. 11  
*Revista Agricola*, Lisboa, 1867, Jan.-1874, Mar.  
*Revista Agronomica*, Lisboa, 1907, Ago.-Dez.  
*Revista de Portugal*, Porto, 1891 (n.º 15)-1892 (n.º 20).  
*Revista do Conservatorio Real de Lisboa*, 1902, Jul.  
*The Scottish Geographical Magazine*, Edimburgo, 1889, Maio.  
*O Seculo*, Lisboa, 1902, Out. 27-1927, Mar. 18.  
*Le Siècle*, Paris, 1891, Abr. 24-Maio, 19.  
*Times*, Londres, 1890, Jan. 2.

## ÍNDICE

Os anos de formação .....	3
O agrônomo-escritor .....	29
Diplomata, historiador e geógrafo .....	39
Os anos da República: uma nova vivência .....	51
Fontes manuscritas .....	57
Bibliografia .....	57



Composto e impresso  
na  
*Imprensa Nacional-Casa da Moeda*  
com uma tiragem de mil exemplares.  
Orientação gráfica do Departamento de Edições da INCM.

Acabou de imprimir-se  
em Novembro de mil novecentos e noventa e seis.

ED. 43 000 890  
CÓD. 213 048 000  
ISBN 972-27-0837-6

---

DEP. LEGAL N.º 104 953/96

